Substância ajuda bebês prematuros

Dos 3,5 milhões de partos feitos por ano no Brasil, 350 mil são prematuros. Cerca de 20% dos bebês que não nascem no momento ideal podem desenvolver a doença da membrana hialina, que os condenará a conviver com distúrbios pulmonares para o resto de suas vidas ou pode até matá-los num período curto.

Para enfrentar essa ameaça um novo produto será lançado nos próximos meses no Brasil. Trata-se de uma substância, conhecida como surfactante, que é naturalmente produzida pelos pulmões de crianças saudáveis, mas que está ausente nos bebês prematuros.

Um estudo multicêntrico feito com o produto em aproximadamente 400 crianças foi apresentado pelo médico holandês S. Bambang Oetomo, no 20º Congresso Mundial de Pediatria no Riocentro. A pesquisa mostrou que a substância, extraída do pulmão de boi, pode aumentar a sobrevivência dos bebês em até 70% e diminuir significativamente o aparecimento de doenças pulmonares.

Segundo o médico Marco Antonio Marchese, gerente de pesquisas clínicas do laboratório Boehringer De Angeli, que fabrica a substância, o surfactante permite que o ar entre no alvéolo pulmonar, onde ocorre a passagem do oxigênio para a corrente sanguínea, permitindo a respiração. As crianças prematuras, que não tiveram o seu sistema orgânico totalmente desenvolvido, apresentam uma deficiência nessa substância, que acaba provocando a formação de uma membrana que impede a passagem do ar.

Marchese explica que o tratamento consiste na injeção do surfactante na traquéia da criança por meio de uma cânula. "Para que a membrana hialina desapareça, deve-se fazer a reposição da substância que falta ao prematuro", comenta. O produto, que existe na Europa há três anos, já foi aprovado pelo Ministério da Saúde brasileiro.

No Brasil, de mil crianças que nascem, 63 morrem antes de completar um ano. São Paulo é responsável por 50% dessas mortes. A conclusão é de um estudo feito na Escola Paulista de Medicina. Nos Estados Unidos, a relação é de 10 mortes para mil nascimentos; na Finlândia, de cinco para mil; e no Japão, de quatro para mil. Segundo Fernando Nóbrega, presidente da Comissão Científica do congresso, 50% das mortes ocorridas em São Paulo têm causas neonatais, 20% são provocadas por problemas respiratórios e 12% por diarreia.